

EMPRESÁRIO FABRIL E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: EMPREENDEDORES, IDEOLOGIA E CAPITAL NA INDÚSTRIA DO CALÇADO (FRANCA, 1920-1990)¹

Agnaldo de Sousa Barbosa²

Há vinte e cinco anos, em seu clássico *O Cativo da Terra*, José de Souza Martins apresentava uma opinião contundente acerca dos estudos sobre a industrialização do país:

Apesar de todos os esforços, a história e a análise histórico-concreta da industrialização brasileira ainda estão por ser feitas. De fato, temos hoje, infelizmente, mais interpretação e generalização do que a pesquisa empírica realizada permitiria³.

Por mais que tenham avançado as discussões acerca do tema da industrialização e das origens do empresariado industrial no Brasil, passado um quarto de século o conteúdo crítico de tal ponderação não perdeu totalmente a razão de ser. No caso da dinâmica de industrialização de São Paulo, por exemplo, a idéia de um processo de surgimento e expansão da estrutura fabril baseado no binômio café/indústria continua sendo, como na essência da crítica de Martins, o referencial predominante para a maioria dos estudos realizados. O problema não se situa, certamente, na validade explicativa da interpretação, mas na sua aplicação de forma quase exclusiva na análise dos mais diversos processos de industrialização que tiveram lugar no território paulista ao longo do século XX. Neste aspecto, o risco de que a evidência empírica venha a sucumbir à força de uma teoria já consagrada é uma possibilidade que muitas vezes se comprova na prática, numa espécie de subversão da máxima apregoada por Giovanni Sartori segundo a qual “a lógica não pode substituir a evidência”.

1 Resumo da Tese de Doutorado em Sociologia defendida em maio de 2004 na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Campus de Araraquara e desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

2 Mestre em História e Doutor em Sociologia. Professor colaborador do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.

3 MARTINS, J. de S. *O Cativo da Terra*. 3a. Ed. São Paulo: Hucitec, 1986 (primeira edição datada de 1979).

Os resultados controversos causados pela generalização excessiva não se restringem, obviamente, à prevalência da abordagem da questão pelo prisma da vinculação dos primórdios da indústria à acumulação de capitais advindos do complexo cafeeiro. A visão corrente de que no país a atividade fabril não conheceu os estágios do *artesanato* e da *manufatura*, tendo em vista a característica tardia do capitalismo brasileiro, que impôs a *grande indústria* como padrão necessário às exigências do momento histórico em que emergiu a indústria nacional, contribuiu igualmente para gerar distorções que uma observação empírica mais rigorosa desautorizaria. No que diz respeito a um dos atores centrais do processo de modernização, o empresariado, o expediente da generalização foi responsável pela difusão de uma definição do comportamento e da ideologia empresarial que mais se destacava por dizer o que essa classe *não era*, em perspectiva comparada à ação de suas congêneres nos países de capitalismo avançado, que em traduzir o significado da conduta de suas diferentes frações diante de determinadas condições reais de atuação. Neste sentido, ao lado de interpretações extremamente negativas, que atribuem ao conjunto da burguesia industrial brasileira predicados como a mentalidade pré-capitalista, anemia empreendedora, fragilidade/passividade política e deficiência organizativa, figuram outras de caráter mais otimista, nas quais, ao mesmo tempo em que se nega a visão anterior, subsiste ainda a idéia geral de uma classe com pouca habilidade para atuar pela via político-partidária e ideologicamente imatura.

Na tese cujo resumo aqui apresentamos, procurou-se ir além do engessamento provocado pelas generalizações e pelos lugares-comuns da historiografia sobre o tema. No intuito de realizar uma análise balizada pelos caminhos indicados pelo substrato empírico, propusemos uma perspectiva de trabalho na qual não se parte de uma explicação estabelecida *a priori* para a compreensão do objeto de estudo, mas da construção de um intenso diálogo com a documentação, procedimento que orientou as opções teóricas a serem feitas. A pesquisa desenvolvida, que teve como objetivo central a investigação acerca da formação social, ideologia e atuação econômico-política do empresariado calçadista no *cluster* industrial de Franca (SP), buscou alicerce em um *corpus* documental tanto farto quanto diversificado, com o fim de construir uma interpretação que mais se aproximasse da experiência concreta desse grupo social, e não em mera conjectura de pensamento baseada em generalizações teóricas. O recorte temporal considerado é o compreendido entre 1920 e 1990, período que marca uma trajetória de

emergência, consolidação e crise crônica do setor calçadista em nível local.

Nesta empreitada, entre as fontes pesquisadas constam livros de registro comercial, inventários, financiamentos industriais, falências, processos criminais (especialmente os referentes à usura), hipotecas e habilitações de crédito, além de jornais e revistas locais e de circulação nacional, revistas especializadas do setor e entrevistas com empresários e executivos ligados ao segmento. A pesquisa dos livros de *Registro de Firmas Comerciais* do Cartório do Registro Geral de Hipotecas e Anexos de Franca tornou possível o levantamento dos nomes de empresas e empresários entre 1900 e 1969. A pesquisa dos inventários cumpriu o propósito de vislumbrar a natureza do capital industrial que esteve na base do surgimento e posterior evolução do parque fabril local, permitindo, mediante manuseio de dados empíricos consistentes, traçar um esboço das origens da burguesia do calçado em Franca. As informações resultantes da pesquisa dos inventários serviram ainda às reflexões pertinentes à apreensão do padrão de conduta econômica do empresariado e também ao entendimento das formas de financiamento à indústria local. Buscou-se a investigação não apenas dos inventários relacionados aos industriais em si, mas também daqueles referentes aos seus ascendentes (pais e em alguns casos avós); a intenção da pesquisa de inventários desta última natureza foi tentar verificar, sempre que houve documentos disponíveis, a evolução do capital e do patrimônio familiar dos empresários, assim como obter informações mais precisas sobre sua origem social. Na pesquisa dos processos de falências, assim como dos documentos auxiliares ao seu entendimento, buscou-se apreender no discurso dos falidos e dos peritos que examinaram os processos, elementos que subsidiassem a tarefa de averiguar a origem do capital das empresas, a origem social dos industriais, as formas de conduta dos empresários e as formas de organização das fábricas, entre os aspectos mais relevantes. A pesquisa dos financiamentos industriais permitiu verificar o momento histórico em que os industriais locais passaram a ter acesso regular ao crédito oficial, assim como o período em que esse processo teve o seu fluxo intensificado, quais foram as principais agências de concessão de crédito, quais os prazos e os juros médios desses financiamentos, quais os principais destinos dados aos financiamentos e quais empresas usufruíram maiores benefícios. Os demais documentos cartoriais pesquisados cumpriram o importante papel de auxiliar o entendimento da dinâmica expressada pelas fontes comentadas acima.

Tivemos nas fontes da imprensa o principal substrato documental às reflexões sobre o pensamento e ação do empresariado calçadista, haja vista não haver disponibilidade de fontes originadas nas instituições às quais esse grupo social esteve vinculado. As atividades de empresas e empresários e os principais problemas e pleitos da indústria calçadista de Franca foram fartamente noticiados pela imprensa local, assim como se mostrou recorrente a publicação de documentos produzidos pelas entidades de classe, a reprodução de leis, projetos de lei e relações de componentes dos diretórios municipais dos partidos políticos. Por meio das fontes da imprensa, foi possível a apreensão do discurso e das vinculações políticas de empresários industriais, assim como o conhecimento de suas opiniões a respeito de questões do setor calçadista e também quanto a problemas nacionais mais abrangentes. De igual forma, notícias veiculadas e documentos publicados nos jornais forneceram à pesquisa subsídios valiosos acerca da organização empresarial e das formas de luta do grupo social em nível local. Estas fontes possibilitaram, também, a apreensão da ação modernizadora dos empreendedores em seus negócios. Com a realização de entrevistas buscamos complemento às informações obtidas por intermédio da imprensa e a percepção do processo pelos próprios empresários, além de um entendimento básico acerca da dinâmica concreta de funcionamento e organização da indústria do calçado em Franca e no país.

Tal substrato empírico foi crucial para que conseguíssemos responder aos questionamentos inerentes ao tema traçando um caminho *na história*, e não à sua margem. A opção foi ter a teoria como instrumento, não como fundamento. As conclusões explicitadas na tese revelaram a dinâmica de formação e atuação de uma fração burguesa que diverge em muitos aspectos das interpretações correntes a respeito da industrialização e do empresariado fabril em São Paulo, isto é, reflete o perfil de um grupo social com características próprias, portador de uma historicidade particular. Seria a experiência do empresariado calçadista de Franca um caso isolado, irrepetível? Pensamos que não. As considerações apresentadas na tese cumpriram a função de expressar o que julgamos ser algumas das muitas variáveis possíveis na interpretação da experiência da burguesia industrial no Brasil. A reivindicação da complexidade inerente à formação e ao comportamento dessa classe, em contraponto à generalização simplificadora, foi uma perspectiva intrínseca a orientar a busca pelas respostas suscitadas nos questionamentos da tese. Diferentemente do que se possa pensar, a contribuição maior deste trabalho não está, portanto, em colocar em

evidência as especificidades do caso dos industriais de Franca, mas sim, em demonstrar que processos histórico-sociais que destoam dos esquemas explicativos estabelecidos *a priori* são cursos perfeitamente realizáveis na história do empresariado nacional; ou seja, nosso intuito foi chamar a atenção para o fato de que *outras histórias* da burguesia – e da indústria – brasileira são possíveis.